

Maria Aparecida Ribeiro  
Ana Paula Arnaut  
Organizadoras

# Viagens do Carnaval

no espaço, no tempo, na imaginação

Viagens do Carnaval

no espaço, no tempo, na imaginação

Maria Aparecida Ribeiro  
Ana Paula Arnaut  
Organizadoras



Destinada a todos aqueles que se interessam pelo carnaval, esta obra, não sendo uma história da festa, mostra, por meio de diferentes recortes, mas com profundidade e em linguagem simples, os vários aspectos da celebração, desde as suas origens até os dias de hoje, não só na Europa, como nas diferentes regiões do Brasil. Os estudiosos da Música, da Literatura, da Dança, da Linguística, das Artes Plásticas e até da Ciência nela encontrarão um complemento para o que já conhecem ou um ponto de partida para novas pesquisas.

ISBN 978-85-232-1241-4



9 788523 212414



EDUFBA



UNIVERSIDADE DE COIMBRA





UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitora  
*Dora Leal Rosa*

Vice-reitor  
*Luiz Rogério Bastos Leal*



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora  
*Flávia Goulart Mota Garcia Rosa*

Conselho Editorial  
*Alberto Brum Novaes*  
*Angelo Szaniecki Perret Serpa*  
*Caiuby Alves Da Costa*  
*Charbel Ninõ El-Hani*  
*Cleise Furtado Mendes*  
*Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti*  
*Evelina De Carvalho Sá Hoisel*  
*José Teixeira Cavalcante Filho*  
*Maria Vidal De Negreiros Camargo*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Reitor  
*Prof. Doutor João Gabriel Monteiro de Carvalho e Silva*

Vice-reitor para Assuntos Internacionais e Mobilidade:  
*Prof. Doutor Joaquim Manuel Costa Ramos de Carvalho*

*Maria Aparecida Ribeiro*  
*Ana Paula Arnaut*  
Organizadoras

# *Viagens* do **Carnaval**

*no espaço, no tempo, na imaginação*

2014, Autores.  
Direitos para esta edição cedidos à Edfbba.  
Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua  
Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Capa e Projeto Gráfico  
*Amanda Lauton Carrilho*

Normalização  
*Taise Oliveira Santos*

Revisão  
*Yasmine Spínola dos Santos*

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Viagens do carnaval: no espaço, no tempo, na imaginação / Maria Aparecida Ribeiro  
e Ana Paula Arnaut (Orgs.). – Salvador : EDUFBA, Coimbra : Universidade de  
Coimbra, 2014.  
311 p.

ISBN 978-85-232-1241-4

1. Carnaval. 2. Samba. 3. Carnaval na literatura. I. Ribeiro, Maria Aparecida.  
II. Arnaut, Ana Paula. III. Título.

CDU - 394.25  
CDD - 394.25

Editora filiada à

**ECUEAC**  
ASOCIACION DE EDITORIALES  
UNIVERSITARIAS DE AMERICA  
LATINA Y EL CARIBE

**ABEU**  
Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

**CBaL**  
Câmara Bahiana do Livro

Editora da UFBA  
Rua Barão de Jeremoabo  
s/n - Campus de Ondina  
40170-115 - Salvador - Bahia  
Tel.: +55 (71) 3283-6164  
Fax: +55 (71) 3283-6160  
www.edufba.ufba.br  
edufba@ufba.br

## Sumário

- 7 Apresentação  
*Maria Aparecida Ribeiro e Ana Paula Arnaut*
- O carnaval na Europa**
- 19 Notas avulsas sobre o carnaval na Alemanha  
*Karl Heinz Delille*
- 27 “Chi vuol essere lieto, sia; / Di doman non c’è certezza”:  
festa e tradição do carnaval em Itália  
*Manuel Ferro*
- 51 Matar a morte: as celebrações do carnaval (e da primavera)  
na cultura polaca  
*Kamila Krakowska*
- 61 O carnaval em Portugal  
*Sara Filipa dos Reis Madeira*
- O carnaval no Brasil**
- 73 Carnaval da Bahia: do entrudo lusitano aos desafios  
contemporâneos  
*Paulo Miguez*
- 95 O samba chula da Bahia, sua riqueza cultural e estética  
*Eloisa Domenici*
- 111 As interpenetrações culturais e o carnaval de Pernambuco  
*Anco Márcio Tenório Vieira*
- 135 No passo do frevo: origens, história e evolução  
*Sérgio Godoy*
- 155 Poesia e história em samba: o caso de *Os Sertões* no  
carnaval carioca  
*Cláudio de Sá Capuano*
- 177 Imagens políticas sobre o samba e o carnaval brasileiro  
(1940-1944)  
*Pablo Almada*
- 195 Sob a máscara do carnaval: euforia e subversão em  
*As Mulheres de Mantilha*, de Joaquim de Manuel de Macedo  
*José Antônio Carvalho Dias de Abreu*





- 211 Mito e realidade: a representação da Amazônia nos carnavais carioca e paulistano  
*Marinete Luzia Francisca de Souza*
- 221 Castro Alves no samba-enredo  
*Sara Daniela Moreira da Silva*
- 233 A literatura de cordel no samba-enredo da Salgueiro ou quando o carnaval reforça a tradição  
*Paulo Geovane e Silva*
- 245 O País do Carnaval: a subversão do emblema modernista na obra de Jorge Amado  
*Letícia Silva Santos e Aline Nardes dos Santos*
- 255 Câmara Cascudo e as perspectivas atuais do carnaval natalense  
*Thaís Santos Nóbrega e Humberto Hermenegildo de Araújo*



### ***Outras viagens pelo carnaval***

- 269 A manifestação da metáfora conceptual nos sambas-enredo: um recorte cultural do carnaval brasileiro  
*Igor Peron Xavier Zimerer, Laylla Barreto Alves de Lima e Lucia Helena Lopes de Matos*
- 281 Com que roupa eu vou? O carnaval nas obras de Flávio de Carvalho e Hélio Oiticica  
*Daniel Wallace de Souza Lima e Osvaldo Manuel Silvestre*
- 293 (Foto) Física, penas e carnaval  
*Otávio Augusto Chaves, Francisco Assis da Silva, Maria Verônica Leite Pereira Moura*
- 299 A percussão e a cultura do carnaval: uma experiência prática de efetiva integração  
*Alexandra Silva, Viviane Carrico, Artur Carvalho e Jorge Porto*

## ***Apresentação***

A Semana Cultural da Universidade de Coimbra, criada em 1999, pela Reitoria, sempre contou com a participação do Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras, que procurou dar maior visibilidade à cultura e à literatura do Brasil. No primeiro ano, porque não houvesse um tema aglutinador e porque coincidissem com o centenário da publicação de um dos romances de Machado de Assis, a mesa-redonda “*D. Casmurro faz cem anos*” – que congregou os Professores Doutores Ruy Alarcão, Viegas Abreu e Arnaldo Niskier – então presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL) –, cada um lendo a obra machadiana a partir da sua especialidade (Direito, Psicologia, Educação) – deu início a um sem número de atividades ligadas à obra do escritor.

Em 2000, a Reitoria criou, na Semana Cultural, o Espaço Lusófono, em que tiveram lugar uma exposição bibliográfica e de fotografias sob o tema “Terras e gentes do Brasil”; um sarau da cantora brasileira Luisa Sawaya, interpretando modinhas e lundus, acompanhada pela pianista Alexandra Torrens; uma mesa-redonda sobre o ensino da Literatura Brasileira em Portugal, com a participação dos Prof. Doutores Vania Chaves, Abel Barros Baptista e Carlos Mendes de Sousa; a exibição do filme *Um copo de cólera*, seguida de debate com o cineasta Aluísio Abranches.

Com “Trovas em moldura: temas luso-brasileiros do século XX”, Luísa Sawaya, desta vez acompanhada ao piano por Achille Picchi, um recital de guitarra de Walter Lopes e a interpretação de pontos de macumba por Inaicira Falcão dos Santos, neta de Mãe Senhora, a música brasileira se fez representar, em 2001, no “Espaço Lusófono II”, complementando a visão sobre as raízes africanas da cultura brasileira. Além disso, teve lugar uma apresentação do grupo de capoeira do Campo do União (de Coimbra) e uma



conferência sobre “Aspectos iniciáticos das religiões afro-brasileiras: o contributo dos escravos”, pelo Professor Doutor Manuel Rodrigues de Areia. Já as raízes indígenas foram tratadas pela Prof. Doutora Maria de Fátima Roberto Machado, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e Diretora do Museu Rondon, com a conferência “Os rituais religiosos dos Paresi”.

Neste mesmo ano de 2001, cuja culminância foi um jantar (“Caipirinha, calulu<sup>1</sup>, arroz-doce & Cia.) em que se procurou mostrar um pouco da gastronomia brasileira, esteve patente a exposição “Uma Visão Colorida de Mato Grosso”, da pintora Geracy Escalante Bianchini, inaugurada com leitura de poesia de Manuel de Barros, por Maria Manuel Proença (do Grupo Bonifrates), e alguns autores brasileiros residentes ou não em Portugal apresentaram seus livros: Clotilde Paul, *Pelo Mar, em Busca de Sonhos*; Ivan Pedro Martins, *Reviagens*; Anete Costa Ferreira, *Expedição de Pedro Teixeira: sua importância para Portugal e o futuro da Amazônia*.

Outras semanas concretizaram-se, sempre com a apresentação de variados aspectos da cultura brasileira. Em 2005, o Espaço Lusófono deu lugar ao Abraço Lusófono, e o Instituto de Estudos Brasileiros apresentou o grupo Galpão das Artes (Limoeiro, PE), que levou à cena *A Inconveniência de ter Coragem*, de Ariano Suassuna, lotando os quatrocentos e cinquenta e cinco lugares do Teatro Paulo Quintela. Em 2006, a partir da VII Semana Cultural, a Reitoria propôs que todas as atividades das diferentes faculdades e institutos girassem em torno de um mote único; no caso, “De mar a mar”, a que o Instituto de Estudos Brasileiros respondeu com “O Sertão vai Virar Mar”, trazendo, com o auxílio da Secretaria de Cultura do Ceará, do Fortaleza Convention Bureau e da Embaixada do Brasil, uma jangada, que “ancorou” no átrio da Faculdade de Letras, abrindo uma exposição bibliográfica, de desenhos e de fotografias de artistas cearenses (Nearco Araújo e Jacques Antunes respectivamente), sobre a vida do mar e do sertão, e servindo de chamariz à apresentação dos repentistas Geraldo Amâncio e Gonzaga da Viola.

<sup>1</sup> Foi usada a forma que o vocábulo caruru tem em Angola, uma vez que se tratava de um “Espaço Lusófono” e que a poetisa angolana Ana Paula Tavares participou com Maria Aparecida Ribeiro na confecção do jantar.

No ano seguinte, em resposta ao mote “Estou vivo e escrevo Sol. O ambiente e os direitos humanos no ano internacional do Sol”, o Instituto de Estudos Brasileiros, juntamente com o Instituto de Língua e Literatura Portuguesa, organizou *O Brasil como Canaã* – exposição sobre autores brasileiros descendentes de imigrantes; uma mesa-redonda em torno dos filmes *Lavoura Arcaica*, *Quatrilho*, *Paixão de Jacobina* e *Lição de Amor*, baseados em obras da literatura brasileira sobre imigração; “Marcas de Origem”, mesa-redonda sobre escritores brasileiros descendentes de imigrantes, com a participação de Ana Beatriz Demarchi-Barel (Universidade de Toulouse), Beatriz Weigert (Universidade de Évora), Carmen Villariño (Universidade de Santiago de Compostela), Carlos Mendes Sousa (Universidade do Minho), Alberto Sismondini (Universidade de Coimbra) e Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra), que falaram, respectivamente, de Zélia Gattai, Viana Moog, Nélide Piñon, Clarice Lispector, Salim Miguel e Moacir Scliar, e cujas comunicações foram publicadas em livro, em 2008, juntamente com a série de conferências realizadas em torno da música, da lexicografia e da História brasileira, de Miguel Torga e da presença do Brasil em sua literatura, assim como dos brasileiros de torna-viagem, cujas casas em Fafe e as intervenções arquitetônicas, em Guimarães, foram, aliás, objeto de uma visita.

Em 2011, em função da forte presença em Coimbra de estudantes oriundos de vinte e duas universidades brasileiras, Luciana Fernandes Lopes (UFBA-UC), Jessica de Siqueira Medeiros (UFRRJ-UC), Andreia Moro Maranhão (UFBA-UC) e Fernanda Aparecida Justo da Silva (UFBA-UC), participantes do Programa de Licenciaturas Internacionais, patrocinado pela CAPES, criaram uma Semana Cultural Brasileira, sob o tema “Brasil, um mosaico cultural”, em que os próprios alunos (e alguns professores vindos do Brasil) mostraram a diversidade cultural brasileira e algumas das suas manifestações, sob a coordenação científica dos Prof. Doutores Ana Cristina Macário Lopes, Fernando Matos Oliveira e Maria Aparecida Ribeiro. A mesa-redonda “*Cultura e Literatura Brasileira: olhares novos, novas teses*” reuniu os doutorandos Lilian Cristina Granziera (“Discurso e política. As crônicas medievais portuguesas e brasileiras contemporâneas”), José António Carvalho Dias de Abreu (“Os abolicionismos na narrativa brasileira do século XIX: de Teixeira de Sousa a Machado de



Assis”), Kamila Krakowska<sup>2</sup> (“Na demanda da ideia de nação: as viagens pós-coloniais nas obras de Mário de Andrade e Mia Couto”), Marinete Luzia Francisca de Sousa<sup>3</sup> (“A condição amazônica: da literatura de viagem às narrativas atuais”), e os mestrandos Sara Daniela Moreira Silva (“Castro Alves na cultura brasileira”), Ruth Laura Lopes de Oliveira (“O cordel didático, uma nova criação brasileira”), Miguel Pais Pinto (“A construção linguística da identidade no universo ficcional de língua portuguesa contemporâneo”) – todos alunos da Pós-Graduação da Universidade de Coimbra.

No campo da Linguística, a aluna Isabella Fortunato (UC) apresentou a comunicação “Estudo comparativo de expressões verbais no português europeu e brasileiro: uma questão cognitiva ou cultural?” e os alunos PLI – Aime Reis (UNESP-UC), Aline Santos (UFMT-UC), Elias Silva (UFBA-UC), Jamile Afonso (UFBA-UC), Layz Matos (UEFS-UC), Shelton Aragão (UFBA-UC), Leandro Queiroz (UFC-UC), Wagner Campos (UFRN-UC), Elaine Guimarães (UNIBH), César Caixeta (UFU-UC), Débora Simião (UFV-UC), Érica Silva (UFU-UC), Welton Pereira (UFV-UC), bem como Isabella Fortunato (UC) – participaram da aula aberta “Paisagem dialectal brasileira”.

Nos vários espaços da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), estiveram patentes as exposições: “Folclore e Mitologia Nacional”, organizada por Aline dos Santos Rossi (UFMT-UC), Victor Oliveira (UFBA-UC) e Elianeide Oliveira (UFBA-UC); “Literatura Guasca”, por Adriana Konzen (PUC/RS-UC), Ana Luiza Goularte (FURG-UC) e Suzana Aguiar (FURG-UC); “O Brasil nas Semanas Culturais da UC: memória das exposições”, pela Prof. Doutora Maria Aparecida Ribeiro.

No campo das Artes, Andressa Maria da Silva (UNESP-UC), Rodrigo M. Rocha (UFPEL-UC) e Leonardo Palma de Sant’Anna (UNESP-UC) apresentaram uma cena extraída do texto *Navalha na Carne*, de Plínio Marcos; Rafael Neves (UNIBH-UC) e Ana Paula Milagres (UFOP-UC), “Espetáculo de *Stand-up Comedy: Insano*”, enquanto Manoel Lordelo Júnior (UFBA-UC), Maurício Teixeira (UFBA-UC), Jamile Afonso (UFBA-UC) e Fernanda Justo (UFRRJ-UC) deram ao público “Nós falamos brasileiro”. Leonardo Palma

2 Bolsista da FCT

3 Bolsista da CAPES

(UNESP-UC) mostrou “Nós(,) de um Povo Brasileiro”. Tauana Oxley Pereira (UFPEL-UC) e Carlos Eduardo Motta Machado (UFPEL-UC) exibiram-se em “Danças populares brasileiras”, e Pâmela Raizia Dutra Rodrigues (UFG-UC) em “Drummond ao vento: poesia e ciranda”. Ezequiel Carvalho Viapiana (UFPEL-UC) tocou “Música erudita brasileira para piano”; Ruan Munhoz (UNESP-UC) e Elvira Fueta (UC) falaram sobre “A cultura da viola no cotidiano sertanejo”. O Prof. Doutor Carlos Bonfim (UFBA) fez uma conferência sobre “Canção popular, literatura e pensamento crítico na América Latina entre os séculos XX e XXI”; a Prof. Doutora Gyovana de Castro Almeida (UFG) apresentou “Repertório Brasileiro para Piano a Quatro Mãos. A Chegada do Piano e a Construção do Gosto das Elites Brasileiras a partir da Vinda da Família Real Portuguesa em 1808”, além de haver participado de “Obras do Repertório Brasileiro para Flauta, Violão e Piano” juntamente com os alunos Marcos Almeida e Bruno Fernandes (UFG-UC); e a Prof. Doutora Denise Zorzetti (UFG) apresentou “Música Brasileira para o Ensino de Piano”.

Outros temas foram ainda abordados em conferências, comunicações, mesas-redondas: “Identidade nacional: educação e cultura na construção da brasilidade”, pelo Prof. Doutor Helder Eterno da Silveira (UFU); “Mídia e representação do Brasil para os brasileiros e para o exterior”, pelo Prof. Doutor Juvenal Zancheta Junior (UNESP); “*A dabka* no sertão, fragmentos de cultura árabe no panorama literário brasileiro”, pelo Prof. Doutor Alberto Sismondini (FLUC); “Sem corpos, sem panfletos: uma antologia da lírica brasileira de 1964 a 1985”, pelo Prof. Doutor Cristiano Jutgla (UESC); “Câmara Cascudo e o modernismo brasileiro”, pelo Prof. Doutor Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN) “Ciência e Tradição na Mestiçagem Brasileira: As Plantas Medicinais e as Rezadeiras”, pelos alunos Thiago Crepaldi (UFU-UC), Benildo Laranjeira Júnior (UFAL-UC), Antônio Luciano M. Melo Filho (UC), Rosana Silva (UFBA-UC), Gabrazane Teixeira (UFV-UC), Douglas Silva (UFU-UC); “Geologia e Cultura”, pelo aluno Pedro Douglas (UC) e outros; “O uso de plantas em rituais religiosos em Alagoas”, por Adriana Freire da Silva (UFAL-UC), Benildo Laranjeira Júnior (UFAL-UC) e Bruno da Silva (UFAL-UC); “Nei Leandro de Castro e o nascimento de Ojuara”, por Thaís Nóbrega (UFRN-UC); “Ecos e Narcisos: ressonância da temática indígena no romance



*Concerto Carioca*, de Antonio Callado”, por Anna Carolina Silva, Benedito de Almeida Júnior, Ketiley Pessanha, Maria Luiza Cortes (UERJ-UC); “*Cidade de Deus: o romance e o filme*”, por Linda Gualda (UNESP/Assis); “Os três loucos de Machado de Assis: uma proposta”, por Charles Berndt (UFSC-UC); “*Navilouca: uma (trans)mutação pela poesia brasileira da década de 70*”, por Daniel Wallace Lima (UFSC-UC); “São Paulo: um gigante visto sob os olhos de um poeta migrante”, por Aime Reis (UNESP-UC) e Lays Matos (UEFS-UC); “Futebol como patrimônio sócio-cultural”, por Rodolfo Rodrigues dos Santos (UFC-UC); “A física do berimbau”, por Santino Melo (UFC-UC); “Do pión de Lattes ao LHC”, por Davide di Croce (UFRRJ-UC); e “Nem só da Amazônia vive o Brasil”, por Jefferson Nascimento (UFRRJ-UC).

O cinema brasileiro fez-se representar com o apoio do Prof. Doutor Nelson Ceriba (UFBA), que comentou os filmes de animação *Boi Aruá*, *Catálogo de Meninas*, *O mágico e o delegado*, *Anil*, *Eu me lembro*; falou da Bahia e de seus artistas, com especial atenção para a produção recente das mulheres baianas, a partir de *Samba Riachão*, *O Capeta Carybé*, *Pornographico*, *Doido Lelé*, *Xucuru Ororubá*, *Hip Hop com Dendê*, *Caçadores de Saci*; discutiu as imagens da Bahia de outrora, em *Vadiação*, *Um dia na Rampa*, *Bahia de Todos os Santos*.

Uma festa junina, cujas danças foram explicadas e ensaiadas por Nathanael Neto (UNESP-UC) e onde uma mostra gastronômica ofereceu os pratos e doces característicos da época, encerrou a Semana.

No ano de 2012, respondendo a um desafio lançado pela Reitoria da UC, a Semana Cultural Brasileira integrou-se na Semana Cultural da Universidade, glosando o tema proposto “Navegar é preciso (?)”. Nesse sentido, uniram-se esforços: o da comissão organizadora da 1ª edição da Semana Cultural Brasileira e o da Diretora do Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras, Prof. Doutora Maria Aparecida Ribeiro, que propuseram o tema “Viagens do Carnaval”.

O carnaval, nascido na Europa e levado pelos portugueses ao Brasil, tomou as mais diferentes formas, entre as quais as escolas de samba que, numa viagem de retorno, surgiram em várias localidades de Portugal. Num ou outro espaço, mostram que, para passistas, sambistas, carnavalescos, “navegar é

preciso” e “viver não é preciso”, pois todo o trabalho de um ano, como diz o poeta Vinicius de Moraes, é para “se acabar na quarta-feira”, o que revela, mais uma vez, o carnaval como uma viagem de imaginação, de sonho, de ultrapassagem de fronteiras, de loucura que os termos folia e folião guardam.

A programação, que se estendeu de 15 a 30 de março de 2012, iniciou-se com a mesa-redonda “Carnaval na Europa”, de que participaram o Prof. Doutor Karl Heinz Delille, o Prof. Doutor Alberto Sismondini, a Mestre Kamila Krakowska (doutoranda da UC) e a Dra. Sara Madeira (aluna do Mestrado em Culturas e Literaturas da UC). A essa mesa, seguiram-se conferências e apresentações dos professores brasileiros convidados, cuja presença foi patrocinada pela CAPES: “No passo do frevo: suas origens, linguagem e evolução”, pelo Prof. Doutor Sérgio Godoy (UFPE); “Tropicalismo, Bolívar e Che Guevara na Sapucaí: carnaval, política e integração latino-americana”, pelo Prof. Doutor Carlos Alberto Bonfim (UFBA); “Carnaval da Bahia: do entrudo lusitano aos desafios contemporâneos”, pelo Prof. Doutor Paulo César Miguez Oliveira (UFBA); “Poesia e História em samba: o caso de *Os Sertões* no carnaval carioca”, pelo Prof. Doutor Cláudio Capuano (UFRRJ); “O carnaval de Pernambuco: entre a Calunga e o Passo”, pelo Prof. Doutor Anco Márcio Tenório Vieira (UFPE); “O samba de roda na Bahia”, pela Prof. Doutora Eloisa Leite Domenici (UFBA), que também proporcionou a alunos e professores a possibilidade de dançar o samba de roda.

O tema carnaval possibilitou ainda as exposições e mostras: “A química das tintas usadas em pintura corporal”, que teve como organizador Fabiano A. de Sousa (UFRPE-UC); “(Foto)física, penas e carnaval”, de Otávio A. Chaves (UFRRJ-UC), com o apoio de seus professores da UFRRJ – Francisco Assis da Silva e Maria Verônica Leite Pereira Moura; “Mostra tua cara”, com fotos e poemas de Angela Longo, Bruno Dornelles da Silva, Samira Micheli; “A evolução do traje carnavalesco: a trajetória do abadá no carnaval baiano”, organizada por Érica Rogéria da Silva (UFU-UC) e Layz Costa Silva Matos (UFBA-UC); “As viagens do carnaval: um olhar sobre a imagem feminina”, pinturas de José Geraldo da Silva (UFV-UC); “Carnaval em versos”, organizada por Andrezza Catarine Barromeu (PUC/MG-UC), Camila Gonçalves de Araújo (PUC/MG-UC), Luciana Aparecida de Oliveira (PUC/MG-UC), Natália Verneque Abreu



(PUC/MG-UC), Renan Guirá Murta Lima (PUC/MG-UC); “Brasil dos Mascados”, sessões de curtas, longas-metragens e documentários (“Tia Ciata e as origens do carnaval carioca”, “Carnaval, Bexiga, Funk e Sombrinha”, “Carne de Carnaval”, “Jorjão”, “Minha Rainha”, “Orfeu Negro”), organizadas por Kelly de Jesus (UFF-UC), Mariana Barboteo (UFF-UC), Sheila de Castro Noronha (UFF-UC), Carlos E. Goulart (UFF-UC).

No palco do Teatro Paulo Quintela, apresentaram-se: Viviane Silva Carrico Rodrigues (mestranda da Faculdade de Direito da UC) e Alexandra Martins Silva (mestranda do Centro de Estudos Sociais da UC) com “A percussão e a cultura do carnaval: uma experiência de prática de efetiva integração”; Agda Fernanda Vasco Valdivia (UFPE-UC), Gilson R. Chacon de Oliveira (UFPE-UC) e Fellipe Roberto P. da Silva (UFPE-UC), acompanhados pelo Prof. Doutor Sérgio Godoy (UFPE), em “Frevo, originalidade pernambucana: características do frevo-canção”; Fernanda Justo (UFRRJ-UC), Jamile Carla Afonso (UFBA-UC), Jéssica Moura Pereira (UFG-UC), Manoel Paixão Lordelo Silva Junior (UFBA-UC), Maurício Teixeira Santos (UFBA-UC), em “Muitos carnavais (ou bloco ‘Avisa lá que eu vou’)”; Charles Vítor Berndt (UFSC-UC), Kelvis Santiago do Nascimento (UFC-UC), Lucas Henrique F. da Costa (UFSCAR)-UC, Santino L. Silvestre de Melo (UFC-UC), em “Recital Poético: poesia brasileira, carnaval etc.”; Rodrigo Xavier Santos (UFBA-UC), que encerrou brilhantemente a Semana com “Os elementos de construção do carnaval em Salvador”.

Inúmeras foram as comunicações dos alunos, organizadas em várias mesas-redondas: “Ariano Suassuna e as raízes da tradição nordestina: retratos e viagens em dois sambas-enredo”, por Michael Jones Botelho (UFV-UC); “A literatura de cordel no samba-enredo da Salgueiro”, por Paulo Geovane e Silva (mestrando do Curso de Estudos Literários e Culturais-UC); “Minas Gerais na colcha de retalhos do samba-enredo carioca”, por Érica Silva Fagundes (UFV-UC) e Marina de Paulo Nascimento (UFV-UC); “Mito e realidade: a representação da Amazônia nos carnavais carioca e paulistano”, pela Mestre Marinete L. F. de Souza (doutoranda do Curso Literatura e Ensino e bolsista da CAPES); “Darwin e o carnaval”, por Natália Rodrigues da Costa (UFRRJ-UC); e Thamires de Mello Neto (UFRRJ-UC); “Castro Alves

no samba-enredo”, por Sara Daniela M. da Silva (mestranda do Curso de Estudos Literários e Culturais-UC); “Sob a máscara do carnaval: euforia e subversão em *Mulheres de Mantilha*, de Joaquim de Manuel de Macedo”, pelo Mestre José António Carvalho Dias de Abreu (doutorando da UC); “*O País do Carnaval*: o emblema modernista subvertido na obra de Jorge Amado”, por Aline Nardes dos Santos (UNISINOS-UC) e Letícia Silva Santos (UMESP-UC); “O despertar da mulher: uma análise da conquista da maturidade e do encanto feminino em ‘Restos do Carnaval’, de Clarice Lispector”, por José Geraldo da Silva (UFV-UC); “Ecos de uma terça-feira gorda: leitura do carnaval por Luís Fernando Veríssimo e Caio Fernando Abreu”, por Aime Neize dos Reis (UNESP/Assis-UC) e Elianeide de Jesus Oliveira (UFBA-UC).

“Do clássico ao popular: uma visão sobre a figura de Momo”, por Ariane de Andrade da Silva (UFRRJ-UC), Isadora Pessoa Fernandes (UFRRJ-UC), Renata Gomes de Souza (UFRRJ-UC), Regivaldo Braga (UFMA-UC); “Palcos do carnaval carioca”, por Wesley Pereira Brito (UFV-UC); “Imagens políticas sobre o samba e o carnaval brasileiro (1940-1944)”, pelo Mestre Pablo Almada (doutorando do CES-UC); “A (foto)química das cores no carnaval”, por Otávio Augusto Chaves (UFRRJ-UC), Emilia dos Santos Monteiro (UFRRJ-UC); “Carmen Miranda e o carnaval brasileiro: ‘Mamãe eu quero’”, por Jacqueline Oliver (UC) e César Donizette Caixeta (UFU-UC); “Luís da Câmara Cascudo e o ‘Carnaval! Carnaval!’”, por Thaís Santos Nóbrega (UFRN-UC), com o apoio do Prof. Doutor Humberto Hermenegildo de Barros (UFRN); “Com que roupa eu vou? O carnaval nas obras de Flávio de Carvalho e Hélio Oiticica”, por Daniel Wallace (UFSC-UC), com o apoio do Prof. Doutor Osvaldo Silvestre (UC); “Língua Portuguesa e o carnaval: O neologismo nas letras das músicas carnavalescas”, por Érica Rogéria da Silva (UFU-UC), Layz Costa Silva Matos (UFBA-UC); “No sambódromo da Língua: influências africanas no léxico carnavalesco”, por Aline Nardes dos Santos (UNISINOS-UC) e Welton Pereira e Silva (UFV-UC); “A manifestação da metáfora conceptual nos sambas-enredo: um recorte cultural do carnaval brasileiro”, por Igor Peron Xavier Zimerer (UFRRJ-UC) e Laylla Barreto Alves de Lima (UFRRJ-UC), com o apoio da Prof. Doutora Lucia Helena Lopes de Mattos; “Lança-perfume: história e efeitos de uma droga considerada símbolo do carnaval”,



por Erivelton Felix Matias (UFV-UC), Márcio Cristiano Monteiro (UFV-UC); “O ensino de Química e a Música”, por Josiane Könzgen Schneid (UFPel-UC), Susana Maria Garcia Aguiar (FURG-UC), Vanessa Senna Nogueira (FURG-UC); “A Microbiologia no carnaval”, por Ana Paula Ferreira Campos (UFMT-UC), Angélica Fernandes Gurgel de Sousa (UFRN-UC), Elianeide de Jesus Oliveira (UFBA-UC), Gleyson Moraes da Silva (UFRN-UC), Nyele de Cássia Silva (UFMT-UC).

Para garantir essa recepção do tema e a qualidade das comunicações apresentadas, as “Viagens do Carnaval” contaram com uma Comissão Organizadora: Luciana Fernandes Lopes (UFBA-UC) e Jessica Medeiros (UFRRJ-UC), uma Comissão Científica das Universidades Brasileiras (Prof. Doutora Antônia Herrera (UFBA), Prof. Doutora Lucia Helena Lopes de Mattos (UFRRJ), Prof. Doutora Gabriela Rizo (UFRRJ) e uma Comissão Científica da Universidade de Coimbra: Prof. Doutora Maria Aparecida Ribeiro, Prof. Doutora Ana Paula Arnaut, Prof. Doutor Paulo Estudante. À colaboração de alunos Ariane de Andrade da Silva, Danúbia de Paula Oliveira, Érica Silva Fagundes, Igor Peron Xavier Zimerer, Isadora Pessoa Fernandes, Laylla Barreto Alves de Lima, Rafaela Fontoura de Jesus, Rodolfo Pereira do Amaral, Viviane Darc Silva, Vanessa Silva Paim, que atuaram como monitores, muito deveu também o êxito da Semana Cultural Brasileira.

Na impossibilidade de aqui reproduzir tudo o que foi apresentado, optou-se por reunir os textos das conferências e comunicações daqueles professores que tiveram a gentileza de os fornecer,<sup>4</sup> assim como os dos alunos que a Comissão Científica da Universidade de Coimbra houve por bem selecionar.

Coimbra, no Dia de São Jorge, 2013

*Maria Aparecida Ribeiro*

*Ana Paula Arnaut*

4 Diante da impossibilidade de o Prof. Doutor Alberto Sismondini entregar o texto que apresentou na mesa-redonda e para que a informação sobre o carnaval na Itália não ficasse ausente desta publicação, pediu-se ao Prof. Doutor Manuel Ferro, responsável pela cadeira de Cultura Italiana na FLUC, a quem vão sinceros e vivos agradecimentos, que a redigisse.



## *O carnaval na Europa*





***“Chi vuol essere lieto, sia; /  
Di doman non c’è certezza”<sup>1</sup>***

*festa e tradição do carnaval em Itália*

**Manuel Ferro**

(Universidade de Coimbra  
Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos)

---

<sup>1</sup> “Quem quiser estar alegre, esteja, / Do amanhã não há certeza” (tradução nossa).



Hoje em dia, logo que se fala de carnaval em Itália, ocorrem de imediato as festividades carnavalescas de Veneza e Viareggio, na Toscana, que ganharam fama mundial. Viareggio tornou famoso o desfile de carros alegóricos que, em cada domingo dos meses de janeiro e fevereiro, transportam gigantescas esculturas feitas de papel com as caricaturas das personalidades mais marcantes da cena política, cultural e do espetáculo, acentuando-lhes os traços com o espírito de sátira e ironia próprio da quadra. O desfile faz-se pela avenida marginal, num enquadramento já por si particular, por se situar entre a praia e um cenário de magníficos edifícios em Arte Nova de início do século XX, projetados para o mar Tirreno. Mais contaminado pelos cursos carnavalescos, constituídos por desfiles e fantasias, produto da sociedade vitoriana, ou melhor dizendo, da sociedade humbertina, aproxima-se dos festejos de cidades como Nice ou Paris, onde as batalhas de flores outrora predominaram.

No entanto, contam-se às dezenas, podendo-se mesmo falar quase de uma centena, as cidades italianas onde o Carnaval é devidamente celebrado (Ver Anexo I). Constituindo uma ocasião de grande tradição no âmbito da cultura italiana, é curioso verificarmos que, há cerca de cento e cinquenta anos, quando Jacob Burckhardt compôs a obra que se havia de tornar de referência para o estudo do Renascimento italiano – *Die Kultur der Renaissance*,<sup>2</sup> de 1860 –, logo sublinhou a vivaz sociabilidade da época em causa, pondo em relevo as numerosas festas que então se realizavam e que permitiam um contacto mais salutar entre as diversas camadas sociais. A arte e a magnificência aliavam-se, a arquitetura cénica proporcionava o ambiente adequado e a população dava

2 As citações da obra de Jacob Burckhardt serão feitas a partir da tradução portuguesa datada de 1967 e intitulada *A Civilização do Renascimento Italiano*.



largas às suas fantasias. Entre os numerosos festejos que se organizavam para celebrar a alegria de viver, o carnaval ocupa, sem dúvida, um lugar de destaque. Por estranho que pareça, os desfiles de mascarados e as grandiosas procissões assemelhavam-se pela pompa exterior aos cortejos de príncipes, quando estes entravam nas cidades. Em Itália, porém, o grau de elaboração destes momentos permitiu a formação de uma autêntica “ciência” das festas, uma vez que estes cortejos fundavam-se em e desenvolviam engenhosas alegorias. Contudo, apesar de as solenidades religiosas e mundanas terem perdido, em grande parte, essa componente dramática, persistem ainda nos dias de hoje, no entanto, nalguns casos, as máscaras religiosas em certas e determinadas ocasiões. Dessa altura, ficaram sobremaneira famosas as festividades de Roma, Florença e Veneza. Com a afirmação do espírito da época moderna, impõe-se uma nova euforia de viver e aproveitar-se o que de belo a vida proporciona. As cidades organizadas em bairros criam as condições para as grandes celebrações. Como Burckhardt releva, o gosto de cada indivíduo culto pela representação de tudo quando se trata da manifestação da sua personalidade e individualidade leva-o a desenvolver a capacidade de inventar máscaras completas e originais, a fim de melhor representar e exteriorizar os seus sonhos e fantasias (BURCKHARDT, 1967, p. 314). Os pintores e os artistas colaboram na decoração das praças e ruas, bem como de outros pormenores, tal como nas indicações quanto ao modo das personagens trajarem e se disfarçarem. Nos desfiles, a vertente cultural e literária tinha um papel determinante, embora na generalidade fosse relativamente pobre, se comparada com outras componentes, ostentando-se aí o vasto conhecimento e domínio da mitologia. Quantas vezes os cortejos dos príncipes não eram inspirados nos da Antiguidade, de generais triunfantes, de imperadores, ou mesmo de deuses olímpicos? E em triunfos alegóricos facilmente se passava da representação de figuras históricas para personagens mitológicas. Estabelecia-se até um encadeamento orgânico entre a mitologia e a alegoria. O grau de elaboração dos festejos públicos levava a uma crescente inventividade, de modo a recorrer-se inclusivamente a processos mecânicos para mais facilmente impressionar os espectadores que assistiam. Um dos elementos profanos que atravessa a Idade Média, por exemplo, e se incorpora nos desfiles é o carro em forma de navio, o *carrus navalis*, com

remotas origens pagãs, que figurava em cortejos dos mais diversificados tipos, mas cujo nome ficou para sempre ligado à própria palavra “carnaval”. Este barco tanto podia agradar aos espectadores como magnífica obra de arte, como gracioso emblema, mesmo quando se esquecia ou se ignorava o seu valor simbólico (BURCKHARDT, 1967, p. 322). Noutros casos, desfilavam faustosos carros triunfais, não muito diferentes dos das entradas solenes dos príncipes vitoriosos. Numerosos eram, pois, os desfiles que, depois, os poetas celebravam nos seus poemas. Assim, neste período, todo o cortejo festivo, que podia não ter um significado especial, mas era considerado enquanto pura e simples manifestação de pompa e circunstância festiva, assumia a designação de triunfo. A primeira grande festa deste tipo, que se desenrolou durante o pontificado de Paulo II, representou o desfile vitorioso de Augusto, depois da derrota de Cleópatra. Contava com personagens cómicas e mitológicas, além de outros elementos que a tradição havia consagrado como reis com cadeias, bandeiras de seda, decretos populares e senatoriais, senadores, edis, questores, pretores, todos devidamente vestidos como a sua dignidade impunha, incorporados num cortejo que incluía carros com mascarados a cantarem e outros ornados com troféus. Em geral, os desfiles procuravam reproduzir o antigo poderio da Roma Antiga triunfante sobre os povos e civilizações que dominava ou que a ousavam afrontar, agora representados por um grupo de turcos prisioneiros, normalmente montados em camelos. No carnaval de 1500, César Bórgia, em clara alusão à sua pessoa, fez desfilar o triunfo de Júlio César, com onze carros esplendorosos, conduzindo peregrinos que haviam acorrido à Cidade Eterna para celebração do jubileu (BURCKHARDT, 1967, p. 325-326).

Nalgumas situações, distribuía-se até gratuitamente alimentos, doces e bebidas. Tudo era feito para deslumbrar pela magnificência e pelo bom gosto. A música não só era necessária para acompanhar os desfiles, como servia para abrilhantar os bailes. Nos cortejos, era por vezes até substituída por coros de cantores, igualmente disfarçados, de acordo com os temas desenvolvidos. Em Roma, o carnaval era um período de deslumbramento:

No século XV, o carnaval propriamente dito não tinha talvez em nenhum lado uma fisionomia tão variada como em Roma. Parece que era lá que as corridas



apresentavam mais variedade: havia corridas de cavalos, de búfalos e de burros; de velhos, de jovens, de judeus, etc.. O papa Paulo II mandava distribuir alimentos ao povo diante do Palazzo Venezia onde residia. Os jogos que se desenrolavam na Piazza Navona, jogos que talvez nunca tivessem desaparecido inteiramente desde a Antiguidade, impunham-se pelo seu caráter guerreiro; eram um simulacro de combate entre cavaleiros e uma parada da burguesia armada. Além disso, as máscaras gozavam de uma grande liberdade e, por vezes, durante meses inteiros, havia liberdade para se mascararem. Sisto IV não tinha medo de passar no meio dos mascarados, mesmo nos bairros mais populosos da cidade, em Campo Fiore e nos Bianchi; só evitava os mascarados que se apresentavam no Vaticano propositadamente para o visitar. Com Inocêncio VIII, degenerou em verdadeiro abuso um costume muito estranho que, já antes, fora introduzido. No carnaval do ano 1491, os cardeais enviaram-se reciprocamente carros repletos de mascarados, de bufões, de cantores, escoltados por cavaleiros, e todos admiravelmente trajados. Estes personagens recitavam versos escandalosos. Parece que os romanos foram também os primeiros a valorizar as grandes marchas com archotes. Quando Pio II voltou, em 1459, do Congresso de Mântua, o povo todo ofereceu-lhe um espectáculo dum cavalgada com archotes que fazia evoluções e descrevia círculos luminosos diante do palácio. No entanto, Sisto IV achou por bem declinar uma vez uma demonstração deste género e o povo teve de renunciar a desfilar diante dele com archotes e ramos de oliveira (BURCKHARDT, 1967, p. 327-328).

A par, na capital da Toscana, a corte afetada dos Médicis competia pelo requinte e esplendor com a corte papal. Na época do Carnaval, organizavam-se desfiles que reproduziam também os triunfos dos antigos generais romanos. Foi assim que Florença assistiu à reconstituição das manifestações de júbilo

pela vitória de Paulo Emílio, durante o governo de Lourenço, o Magnífico, e de Camilo, aquando da visita de Leão X à cidade. Em ambos os casos, os desfiles foram organizados sob a orientação de Francesco Granacci. Em 1513, por sua vez, a exaltação de Leão X gerou duas grandes manifestações desta natureza, cada uma delas organizada por sociedades rivais da cidade. Se uma reproduzia as três idades do homem, o outro triunfo optava por apresentar as idades do mundo. Neles, se inseriam cinco quadros inspirados na história romana e duas alegorias, uma com a Idade do Ouro da era de Saturno e a outra relativa ao seu retorno na época moderna. A decoração dos carros, produto da imaginação e criatividade dos artistas florentinos, causava o assombro dos espectadores. E se a expansão do poderio político florentino se foi fazendo sentir gradualmente sobre as cidades e repúblicas circunstantes, gradualmente os tributos por elas pagos, muito embora simbólicos, passaram a ser exibidos em dez carros expressamente construídos para o efeito pela corporação dos mercadores. Alguns deles foram mesmo decorados por Andrea del Sarto e acabaram por integrar obrigatoriamente os desfiles de todas as festas, mesmo aquelas menos esplendorosas (BURCKHARDT, 1967, p. 326). Por isso, Burckhardt adianta sobre o carnaval de Florença:

O carnaval de Florença ultrapassava o de Roma num certo género de cortejo que deixou recordações na literatura. No meio de uma multidão de mascarados, a pé e a cavalo, aparece uma figura ou um grupo alegórico, com os complementos que comporta, por exemplo, a Inveja com uma cabeça de quatro caras armadas de lunetas, os quatro Temperamentos como os planetas correspondentes, as três Parcas, a Prudência num trono por cima da Esperança e do Medo que jazem encarcerados a seus pés, os quatro elementos, as quatro idades da vida, os quatro ventos, as quatro estações, etc.; por vezes aparece também o célebre carro da Morte com os féretros que se abrem num dado momento. Outras vezes aparece uma cena mitológica, como Baco e Ariana, Páris e Helena, etc., ou, finalmente, um coro que representava uma classe social, uma categoria, por exemplo,



os mendigos, os caçadores com ninfas, as almas que durante a vida pertenceram a mulheres sem misericórdia, os eremitas, os vagabundos, os astrólogos, os diabos, os mercadores de determinadas mercadorias, *il popolo*, gente de toda a espécie que nos seus cantos se acusavam das suas culpas. Os cantos, que foram recolhidos e que chegaram até nós, explicam o cortejo de forma umas vezes patética, outras humorística, outras vezes obscena. Atribuem-se a Lourenço o Magnífico alguns dos mais mordazes, talvez porque o verdadeiro autor não ousasse pôr o seu nome; mas é verdade que compôs o magnífico canto que acompanha a cena de Baco e de Ariana, de que o século XV nos envia o estribilho como um melancólico pressentimento do curto esplendor do próprio Renascimento:

*Quanto è bella giovinezza,  
Che si fugge tuttavia!  
Chi vuol essere lieto, sia;  
Di doman non c'è certezza*  
(BURCKHARDT, 1967, p. 328-329).

Por sua vez, e segundo a tradição, na cidade da laguna, tudo teria tido início em 1162, quando a Sereníssima República sai vitoriosa da guerra contra o patriarca de Aquileia, Ulrico, que tinha tido a infeliz ideia de invadir a cidade. Como compensação, o Patriarca teve de pagar à cidade um touro e doze porcos, tributo que era pago em dia de sexta-feira gorda, sendo mortos, nessa ocasião, a maior parte dos animais, na Praça de S. Marcos. Tal evento veio permitir a realização de banquetes por toda a cidade e propiciar os momentos festivos com música, magia, acrobacias e outras manifestações de alegria.

Compreende-se, naturalmente, que, devido às características geográficas da urbe, em vez dos carros alegóricos desfilassem barcos pela cidade. Tal facto não impedia, todavia, que o prodigioso não se aliasse ao fantástico e ao magnífico. O desfile do Bucentauro constituía sempre uma ocasião de deslumbramento e magia, à frente de uma verdadeira armada de embarcações ornamentadas com tapeçarias e grinaldas, e dotadas de tripulações

admiravelmente uniformizadas. Por vezes, nelas se encontravam engenhosos aparelhos que faziam subir ou descer figuras que representavam as divindades que assim ascendiam ou baixavam dos céus; outros intervenientes circulavam entre elas, sob a forma de tritões e ninfas, tudo numa profusão de estandartes esvoaçantes ao vento, bandeiras bordadas a ouro, a par da exuberância dos cantos e dos perfumes raros do Oriente que se faziam sentir. Do Bucentauro, pairava sobre as ondas um manto de damasco que orgulhosamente marcava o poder esplendoroso da Sereníssima República de S. Marcos sobre as águas do mar. Aquela ocasião festiva produzia na generalidade inúmeras iniciativas, como uma regata em que participavam cinquenta raparigas (BURCKHARDT, 1967, p. 326-327), além de muitas outras mais de índole cultural. Em 1541, chegou a circular pelo Grande Canal um grande globo que figurava o próprio universo, apoiado numa embarcação de consideráveis dimensões, a ponto de, no seu interior, se realizar um magnífico baile (BURCKHARDT, 1967, p. 327). Por isso, variadas eram as manifestações numa cidade em que a nobreza se encontrava dividida em corporações, especialmente encarregadas de organizar as festas para sua fruição exclusiva. Não admira, por conseguinte, que com base nessa estrutura organizativa o carnaval em Veneza alcançasse uma dimensão admirável e a conseqüente fama que o levou a superar fronteiras.

O carnaval de Veneza era célebre pelos bailes, pelos cortejos e pelas representações de todo o género. Por vezes achavam a praça de S. Marcos bastante grande para organizar aí torneios e até para celebrar triunfos à maneira da terra firme. Numa festa de paz, as confrarias religiosas (*scuole*), encarregavam-se dos diferentes pormenores dum cortejo deste género e rivalizaram entre si em luxo e magnificência. Viu-se nesta altura, entre duas filas de candelabros com círios vermelhos, no meio dos grupos de músicos e de crianças aladas que seguravam nas mãos taças de ouro e cornucópias de abundância, um carro em que Noé e David se sentavam lado a lado cada qual em seu trono; depois vinha Abigail, conduzindo um camelo carregado de tesouros; seguidamente avançava um outro carro com um grupo político: era a



Itália entre Veneza e a Ligúria, estas com as suas armas, e a primeira com uma cegonha, emblema da concórdia; sobre um estrado encontravam-se três génios femininos com as armas dos três príncipes aliados. Este carro era seguido, entre outros, por um globo terrestre rodeado de constelações. Noutros carros vinham os príncipes indicados acima, representados por personagens ricamente vestidas, com os seus servidores e as suas armas, se bem compreendemos o que diz o autor. A música não faltava a desempenhar o seu papel em cortejos deste género (BURCKHARDT, 1967, p. 327).

Verdadeiras companhias de jovens nobres venezianos encarregavam-se da organização da vida do espetáculo nos séculos XV e XVI, com o objetivo de tornar, em geral, as festas, os cortejos e os divertimentos da cidade mais pomposos, muito particularmente no início do entrudo, em que cada representação não só se destinava à fruição das classes aristocráticas e contava com a participação de verdadeiras estrelas do mundo do palco, como mobilizava ainda autores de reconhecido mérito, como Ruzante e Pietro Aretino, ou artistas como Andrea Palladio, Federico Zuccari, Ticiano e Giorgio Vasari. Embora adotassem nomes de virtudes, como os *Unidos*, os *Concordantes*, ou de ofícios, como os *Jardineiros* e os *Hortelões*, distinguiam-se pela cor das meias coloridas que usavam, que eram as cores da companhia, e pelos artísticos bordados que os individualizavam. Daí serem conhecidos como as “companhias das meias”. Francesco Sansovino testemunha inclusive ter havido 43 companhias em atividade até ao ano de 1562. Grande parte das construções expressamente levantadas para o efeito, nomeadamente autênticos coliseus e teatros, eram de madeira, pelo que facilmente acabavam depois destruídas pelo fogo. Além das representações teatrais, preparavam igualmente as *momarie*, desfiles de mascarados ao longo dos principais canais, que representavam as lutas entre os vícios e as virtudes, com cenas em cima das pontes, muitas vezes destinadas a um público seletivo, como embaixadores ou soberanos de visita a Veneza. Na Praça de S. Marcos, tinha lugar a *Caza al Toro*, uma espécie de corrida com a participação de bobos e palhaços, que

lhe conferiam um traço divertido; noutras alturas, chegava a inserir-se nesta iniciativa uma componente teatral, com textos por vezes tão desbragados que acabavam por ser censurados.

Mas, logo após o Renascimento, o espírito da Contrarreforma tridentina haveria de contaminar toda esta euforia de viver, e raros foram os Estados italianos que não viram uma nova mundivisão e uma religiosidade mais intensa difundir-se e impor-se, pelo que os festejos carnavalescos passaram a ser vistos de outro ângulo, reduzindo-se consideravelmente o número e a apoteose de iniciativas. Em Veneza, porém, tal não aconteceria. A Sereníssima República, pelo seu estatuto aristocrático e mercantilista, distante da influência papal e de um clero mais ortodoxo, aproveitou, em contrapartida, essa oportunidade de rentabilizar as festividades e o ambiente hedonístico da cidade. Ao mesmo tempo que, nos outros Estados, as celebrações se reduziam ou se tornavam mais austeras e controladas, Veneza intensificava-as, amplia-as e implementa um ambiente de constante celebração dos prazeres da vida. Juntamente com Roma, acolhe um maior número de cortesãs para fortalecer o carácter apelativo da cidade transformando-a num verdadeiro fenómeno de turismo aristocrático europeu. Com o Renascimento, a Itália tornara-se um polo de atração para a intelectualidade do Continente, que olha a Península cupidamente e dela absorve a cultura que dali irradia. As escolas dos Humanistas atraem os estudiosos do Mundo Antigo e os que se interessam por uma nova cultura luxuosa e requintada. Os grandes mestres são disputados; as universidades reformadas, transformadas em centros de estudos de projeção; as ideias humanísticas espalham-se (GARIN,<sup>2</sup> 1983; BLACK et al., 1996, p. 108-129). Ao mesmo tempo, implementa-se o gosto de viajar pela Itália como forma de complementar a educação da nobreza europeia. Os jovens, educados em casa, na generalidade dos casos por preceptores contratados especificamente para o efeito, depois do conhecimento livresco, são levados *in loco* ao contacto direto com os testemunhos das civilizações do passado, da cultura clássica, sobremaneira da latina, mais do que da grega, para enriquecerem a sua formação. A Itália é vista como uma espécie de Jardim das Hespérides, onde o clima é ameno e agradável, a natureza, luxuriante e produtiva, o homem é feliz e a cultura é florescente. Concebe-se dela uma paisagem algo idealizada, com as belezas



e os atrativos de um paraíso perdido, cuja paisagem é envolta num halo de nostalgia (FERRO, 1992, p. 2). As rotas e percursos mais seguidos passam por Veneza, cidade da fantasia, onde os quatro elementos surgem harmoniosamente conjugados: o fogo dos poentes abrasadores do Estio; o ar das manhãs de nevoeiro que lhe confere uma aparência espectral e a projeta numa dimensão metafísica, sustentada pela bruma; a água da laguna e dos canais, que a reflete e cria a imagem da ilusão; e a pedra dos palácios, das pontes e das igrejas, em que o exotismo do Oriente se alia subtilmente ao traço mais requintado da arte do Ocidente (FERRO, 1992, p. 2). Mas Veneza também seduz os visitantes pelo seu ambiente liberal e tolerante. O carnaval alargava-se quase do Natal ao dealbar do Estio, numa estação de vários meses de animação. Além da diversão que a cidade proporciona, muitas vezes o contacto com a realidade social nela existente abria-lhes novos horizontes. As cortesãs, mais do que prostitutas de luxo, afirmavam um reconhecido individualismo entre as mulheres da época, que frequentemente se traduzia em manifestações de cultura, notoriedade, glória, talento, beleza e educação. Procuravam consubstanciar um equivalente feminino ao conceito de “Cortesão”, que Baldassarre Castiglione havia delineado no masculino na obra homónima (CASTIGLIONE, 1528). Daí a designação adotada. Impunham-se nos círculos dos homens de letras e partilhavam dos mesmos códigos e esquemas mentais. Tinham mesmo a preocupação de aparentarem uma existência marcada pela decência e gravidade de costumes. Algumas tornaram-se até amantes de príncipes, notabilizadas e respeitadas, falando à inspiração de artistas e poetas. Contudo, os traços meteóricos que deixavam na cena cultural são frequentemente reflexos escandalosos das suas vidas, cunhadas pela sensualidade e liberalidade de costumes, quando não mesmo pela perversidade e cupidez. No entanto, entre elas, notabilizaram-se nomes como Impéria, em Roma, exímia intérprete musical e autora de sonetos de grande qualidade, ou Catarina de San Celso, de Milão, conhecida pela sua beleza e inteligência, mas também famosa enquanto expressiva declamadora e esmerada executante musical (BURCKHARDT, 1967, p. 307), ou ainda Veronica Franco, em Veneza; e todas elas reuniam verdadeiras cortes de admiradores em torno de si. Além de um ambiente culto e requintado que se transpirava à sua volta, numa atmosfera de contínua festa de um carnaval alargado,

no ambiente veneziano, proporcionavam amiúde aos jovens aristocratas que com elas interagiam a iniciação nos jogos amorosos, as primeiras experiências no campo do erotismo e da sexualidade. Foram figuras como estas que inspiraram o recente volume de Sarah Dunant, *In the company of the Courtesan*, de 2006. Se em Roma eram toleradas, devido à grande afluência de homens solteiros à Cidade Eterna, em Veneza, justificavam-se pelo ambiente sensual da cidade e devido à moral permissiva dominante. Além disso, enquanto cidade marítima, era ponto de encontro de marinheiros e negociantes ricos, o que favorecia o mercado de encontros sexuais (MÜNKLER H., MÜNKLER M., 2000, p. 212-216).

Desta forma, ao mesmo tempo que a economia veneziana se afundava, desde o momento em que perdera o monopólio do comércio das especiarias a favor de Lisboa, atingia um elevado estilo de vida que se projetava no requinte, na sensualidade e no hedonismo dominantes (MÜNKLER H., MÜNKLER M., 2000, p. 404-411). Aliás, o modo como todo esse altíssimo nível cultural se projeta na vida do quotidiano é delineado por Peter Burke, que mostra como a arte, a literatura e a estrutura ideológica da época se confundem com o correspondente *modus vivendi* do panorama social existente (BURKE, 1987) Não é por acaso, que entre os seus inúmeros epítetos, Veneza ostente os de Grande Cortesã, Fada Morgana, Vénus do Adriático, Cidade Maga, Cidade do Sonho, Ostra Entreaberta, Vineta Lendária, Sodoma do Oceano, Cidade dos Palácios, da Aventura, das Máscaras, das pálidas Noites da Laguna etc (GRIMM, 1988; FERRO, 1992, p. 2, 5). A partir do século XVII, torna-se uma potência respeitada no domínio da diplomacia como árbitro de disputas internacionais, se a cidade galante, dos aventureiros e da fragilidade melancolicamente alegre das máscaras carnavalescas, como consequência lógica e inevitável de um processo organicamente determinado que a conduz inevitavelmente para a ruína. A máscara impõe-se então como símbolo de evasão para um mundo de dissimulação, para os jogos de aparências, do espetáculo, em suma, para a dimensão prazenteira da existência, simultaneamente utópica e ilusória. (FERRO, 1992, p. 11, 37) Se o seu misticismo se alia a momentos de alegria ou tristeza, também permite a possibilidade de



revelar ou ocultar sentimentos, tudo sempre articulado num hábil e conseguido jogo de espelhos.

O modelo social por excelência deixa então de ser o do patrício veneziano, comerciante e empreendedor, para se impor, por conseguinte, o do aventureiro – configurado no modelo de Giacomo Casanova –, que dita a moda numa urbe galante, marcada pelo abrandamento de costumes e aponta para múltiplas e variadas experiências amorosas. Num ambiente de franca decadência, com a cidade a afundar-se a vários níveis, a nostalgia pelas antigas eras de esplendor e apoteose eterniza-a na memória dos homens. A Sereníssima República de S. Marcos enfeita-se então, ri e diverte-se com espetáculos faustosos, embriagada com a música, as artes, a poesia e o teatro. O entrudo domina, pois, meio ano e o *Settecento* veneziano não é mais do que uma longa festa elegante e corrupta, de encontros bizarros e amores fáceis, que o ambiente carnavalesco sanciona e alimenta. Por toda a parte, há capas vermelhas e dominós pretos, tricórnios de veludo e máscaras, muitas máscaras, elaboradas e preciosas como joias, nos teatros e salões, nas praças e *campi*, onde se exhibe a dança dos mouros e têm corridas de toiros, bem como a guerra das canas, os torneios e as regatas. Uma das grandes atrações do carnaval de Veneza, ao longo da história, era o chamado Voo da Colombina. Tratava-se da representação de um escravo que descia por uma corda do campanário da Catedral de São Marcos até ao centro da praça. Mais tarde, esta exibição alterou-se e o escravo foi substituído por um acrobata, e, finalmente, por uma pomba de madeira que lançava flores sobre quem passava.

Por todo o lado proliferam, no entanto, festas e sorrisos, aparentemente alegres, mas, no fundo, carregados de melancolia, angústia e segretos receios por se pressentir o fim de todo aquele mundo. Ainda é essa a Veneza e o carnaval que Goethe, Platten, Lord Byron, Richard Wagner e Gabriele D'Annunzio encontram e que cristalizam para sempre no mito veneziano, condenado a perdurar com o desaparecimento da Sereníssima República (FERRO, 1992, p. 31-60).

O uso das máscaras, que se impusera sobremaneira a partir do século XVII, quando a nobreza se disfarçava para sair à rua e misturar-se com o povo, passou depois a ser o símbolo maior do carnaval veneziano. Das mais

sóbrias às mais exuberantes, tornam-se um instrumento de diversão para os foliões de todas as idades, capaz de complementar qualquer fantasia. Nessa altura, o carnaval começava de forma oficial com o chamado *Liston delle Machere*, o “caminho das máscaras”, que não passava, na realidade, de um desfile em que os habitantes vestidos a rigor e de forma elegante ostentavam as suas ricas vestes e joias.

Em Veneza assumem, porém, as mais variadas formas e estilos. No século XVII, contudo, os venezianos logo adotaram o uso frequente da *bautta*, o chapéu de três pontas ou tricórnio, e uma capa. A *bautta* de cor branca é a máscara considerada mais tradicional do carnaval de Veneza. Era funcional e permitia comer e beber sem haver necessidade de a retirar. Pelo facto, podia também ser usada durante todo o ano, para proteger a identidade da pessoa nos encontros românticos. Por sua vez, a máscara *Mataccino* era uma das mais populares, usada fundamentalmente pelos jovens atiradores de ovos perfumados com água de rosas às casas das damas eleitas. Este festejo tornou-se de tal modo tradicional que até os mercadores vendiam tais ovos.

Contudo, os trajes e figurinos característicos do século XVIII, que se introduzem e tentam reproduzir o estilo e a moda dos nobres desta época, são as *maschere nobili*, ou seja, as máscaras nobres, com caretas brancas, roupa de seda negra e chapéu de três pontas. A estas associam-se, depois, os modelos das personagens da *Commedia dell'Arte*, cujas representações teatrais, muito comuns na Itália e por toda a Europa desde o século XVI até meados do século XVIII, celebrizaram figuras até hoje tão cultuadas no nosso imaginário como o Arlequim (criado de roupa em losangos, inteligente, sedutor e trapalhão), a Colombina (criada, sua apaixonada), Briguela (criado ganancioso e espertalhão), o *Burratino* (criado sagaz), o Capitão Scaramouche (aventureiro militar ou navegador), o Doutor (médico ou aristocrata), Pantaleão (mercador avarento estúpido), Polichinelo (corcunda enamorado, cruel e astuto), os *Zanni* (criados espertos e atrevidos), os *Jester* (palhaços, bobos ou tolos), as damas elegantes e requintadas, a que se juntaram depois as máscaras do Pierrot (figura inocente, belo, charmoso e gentil) e dos gatos, entre outras mais recentes. Não esqueçamos que, afinal, Veneza era o ambiente primordial por excelência deste género teatral, que aí nasceu, aí amadureceu e



ganhou pujança, projetando-se depois além-fronteiras. Foi ainda no espaço veneziano que, graças à ação de Carlo Goldoni, este género teatral sofreu a sua mais determinante reforma.

Mas, em 1797, Veneza cai sob o domínio de Napoleão e os festejos carnavalescos são de imediato proibidos. Só virão a ser retomados em 1979. Desde esse ano, as festividades prolongam-se por dez dias e, durante as noites, realizam-se bailes em fastuosos salões da cidade. As reestruturadas companhias conhecidas como *compagnie della calza*, entre as quais se notabilizam *Os Antigos* e *Os Ardentes*, organizam os desfiles pela cidade. O ponto alto das festas é o fogo de artifício de terça-feira, à noite.

Desde 1979, também outras cores têm sido acrescentadas aos trajes, embora as máscaras continuem a ser brancas, prateadas e douradas.

Por todos estes motivos, ainda hoje o carnaval de Veneza é, porventura, o que maior identidade ostenta, com uma tradição de séculos, e é conhecido pela beleza das suas fantasias, pela pompa das festividades, ou pela doce melancolia dos dias de glória do passado que as máscaras evocam. Hoje em dia, é uma ocasião que se rentabilizou com a realização de múltiplas manifestações em atividades correlatas, como exposições de arte, desfiles de moda, representações teatrais etc. Compreende-se, por conseguinte, que desde então se eleja um tema, ao qual todas as iniciativas se devem subordinar. Festejado entre 26 de janeiro e 12 de fevereiro, em 2013, o entrudo deste ano tratou de enaltecer o colorido que o universo proporciona: “*Viva i colori*” (“Vivam as cores!”). E esse tema generaliza-se tanto aos eventos do calendário oficial das festividades quanto às festas e iniciativas privadas que são inseridas no programa diretamente pelos organizadores. Por conseguinte, o manifesto do carnaval de Veneza de 2013 declara expressamente:

O Carnaval de 2013 de Veneza será o Carnaval da cor, porque cada uma comunica e suscita uma emoção e a esta cada um de nós associa um estado de alma.

As cores são o que há de mais subjetivo e partilham com o espírito do Carnaval da infinita variedade e número

de máscaras, por sua vez, correspondendo às infinitas e diversificadas atitudes por nós assumidas.

A beleza, como a cor, está no olhar de quem contempla. E assim é o Carnaval, onde tudo é permitido em nome de uma temporária suspensão dos papéis. A máscara, ação-símbolo de viver o Carnaval, é a síntese desta libertação. As cores, com a sua variação de brilho, tom e saturação, criam um panteão inesgotável de características, metaforicamente simbolizando a variedade e a diversidade humana.

A experiência da cor é quanto de mais cultural pode haver: cada tradição religiosa, nacional ou mitológica associa às cores, ao longo dos tempos, virtudes e poderes mágicos, taumatúrgicos, satânicos ou sagrados. E o Carnaval é a festa das culturas por excelência, sobretudo em Veneza, a primeira metrópole cosmopolita da Europa (CARNEVALE..., 2013, tradução nossa).

Mas a dimensão cultural não se esgota nos festejos e iniciativas paralelas; inspira manifestações de cultura que se cruzam com outras dimensões da atividade e criação humanas. O carnaval italiano, por exemplo, constituiu o tema principal da cerimónia de encerramento dos XX Jogos Olímpicos de Inverno, em 26 de fevereiro de 2006, no Estádio Olímpico de Turim. Tratou-se de um espetáculo seguido por cerca de oitocentos milhões de telespectadores que assistiram ao evoluir das principais facetas das festividades do entrudo e dos ícones da tradição carnavalesca italiana.

Nas celebrações carnavalescas em Itália, cruzam-se, portanto, vetores que partilham da riqueza da tradição histórica e cultural de um povo, acentuando-se tal facto sobremaneira nos festejos de Veneza, legítima herdeira dos cerimoniais dos tempos gloriosos da Sereníssima República de S. Marcos, com a riqueza telúrica que o Carnaval proporciona, a ponto de inspirar novas formas de diversão e manifestações de cultura próprias dos nossos tempos.



## Referências

- BERTELLI, Stefania. *Il Carnevale di Venezia nel Settecento*. Roma: Jouvence, 1992.
- BLACK, C. F et al. *História do Renascimento*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996.
- BURCKHARDT, Jacob. *A Civilização do Renascimento Italiano*. Lisboa: Editorial Presença, 1967.
- BURKE, Peter. *Die Renaissance in Italien. Sozialgeschichte einer Kultur zwischen Tradition und Erfindung*. Berlin: Verlag Klaus Wagenbach, 1987.
- CARNEVALE di Venezia, 2013. Disponível em: <[http://www.carnivalofvenice.com/?page\\_id=3244](http://www.carnivalofvenice.com/?page_id=3244)>. Acesso em: 4 abr. 2013.
- CASTIGLIONE, Baldassarre. *Il Libro del Cortegiano*. Venezia: presso Aldo Manuzio, 1528.
- DUNANT, Sarah. *Na Companhia da Cortesã*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2008.
- FALASSI, Alessandro; BETTI, Luca. *The mask, the mist and the mirror. Un viaggio nel carnevale di Venezia*. Siena: Betti, 2007.
- FERRO, Manuel. *O Mito Veneziano na Obra de Hugo von Hofmannsthal*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1992.
- GARIN, Eugenio, Renascimento. *História de uma Revolução Cultural*. Porto: Telos, 1983.
- GORDON, Mel. *Lazzi: Comic Routines of the Commedia dell'Arte*. New York: John Hopkins University Press, 1983.
- GRIMM, Gunter E. *Italien-Dichtung: Gedichte von der Klassik bis zur Gegenwart*. Stuttgart: Reclam, 1988, v. 2.
- MUIR, Edward. *Guerre culturali, Libertinismo e religione alla fine del Rinascimento*. Bari: Laterza, 2008.
- MÜNKLER, Herfried; MÜNKLER, Marina. Kurtisanen. In: *Lexikon der Renaissance*, München, Verlag C. H. Beck, p. 212-216
- \_\_\_\_\_. Venedig. In: *Lexikon der Renaissance*, München, Verlag C. H. Beck, p. 404-411, 2000.

MURARO, Maria Teresa. La festa a Venezia e le sue manifestazioni rappresentative: le Compagnie della Calza e le Momarie". In: \_\_\_\_\_. *Storia della cultura veneta*. Vicenza: Neri Pozza, 1981.

RICHARDS, Kenneth; RICHARDS, Laura. *The Commedia dell'Arte: a Documentary History*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

TAVIANI, Ferdinando. *La Commedia dell'Arte e la Società Barocca. La Fascinazione del Teatro*. Roma: Bulzoni, 1991, v. 1.

\_\_\_\_\_. *La Commedia dell'Arte e la Società Barocca : La Professione del Teatro*. Roma: Bulzoni, 1991, v. 2.

TESSARI, Roberto. *Commedia dell'Arte: la maschera e l'ombra*. Milano: Mursia, 1989.

VENTURI, Lionello. *Le compagnie della calza*. Venezia: Libreria Editrice Filippi, 1908-1909.



## **Anexo I**

*Principais centros urbanos onde se realizam festejos  
carnavalescos em Itália:*

Carnaval d'Abruzzo a Francavilla al Mare (CH)

Carnaval de Acireale (CT)

Carnaval de Acquapendente (VT)

Carnaval de Acquasparta (TR)

Carnaval Acquedolcese

Carnaval de Alba Adriatica (TE)

Carnaval de Vale de Alcântara a Francavilla de Sicilia (ME)

Carnaval de Amantea (CS)

Carnaval Ambrosiano de Milano

Carnaval Aretino Orciolaia de Arezzo

Carnaval de Ascoli Piceno

Carnaval de Bagolino (BS)

Carnaval de Bonorva (SS)

Carnaval de Bosa (OR)

Carnaval de Busseto (PR)

Carnaval de Capua (CE)

Carnaval de Canicattì (AG)

Carnaval de Capaccio (SA)

Carnaval de Carignano (TO)

Carnaval de Carpenedolo (BS)

Carnaval de Carpi (MO)

Carnaval de Castel Goffredo (MN)

Carnaval de Castellana Sicula (PA)

Carnaval de Castelnovo de Sotto (RE)

Carnaval de Castelvetero sul Calore (AV)

Carnaval de Cavezzo (MO)

Carnaval d'Amare Catanzaro e Soverato (CZ)

Carnaval de Cegni (PV)

Carnaval de Cento (FE)

Carnaval de Cinisi (PA)

Carnaval de Cittanova (RC)

Carnaval de Civita Castellana (VT)

Carnaval Cremasco de Crema (CR)

Carnaval Dauno de Manfredonia (FG)

Carnaval de Decima de Roma

Carnaval de Fano (PU)

Carnaval de Foiano della Chiana (AR)

Carnaval de Follonica

Carnaval de Fossa (MO)

Carnaval de Frosinone - Festa della Radeca

Carnaval de Gallipoli (LE)

Carnaval de Gambettola

Carnaval de Gela

Carnaval Guspinese de Guspini (VS)

Carnaval de Ivrea

Carnaval de Larino



Carnaval de Latina  
Carnaval delle Madonie (Castellana Sicula)  
Carnaval de Macerata  
Carnaval de Mamoiada  
Carnaval de Marino (*'U Carnevalone*)  
Carnaval de Massafra  
Carnaval de Melilli (SR)  
Carnaval de Milano  
Carnaval de Misterbianco  
Carnaval de Modena  
Carnaval de Monteforte d'Alpone (VR)  
Carnaval de Montemarano  
Carnaval de Muggia  
Carnaval de Offida  
Carnaval storico de Ormea  
Carnaval de Ottana (NU)  
Carnaval de Sartiglia a Oristano  
Carnaval de Palma Campania  
Carnaval Palmese  
Carnaval de Palmi (RC)  
Carnaval de Paternò (CT)  
Carnaval de Paternopoli (AV)  
Carnaval de Poggio Mirteto  
Carnaval de Polistena (RC) - versione invernale ed estiva  
Carnaval del Pollino - Castrovillari (CS)  
Carnaval de Putignano

Carnaval dei Ragazzi de Sant'Eraclio de Foligno (PG)  
Carnaval de Regalbuto  
Carnaval de Lachera de Rocca Grimalda (AL)  
Carnaval de Ronciglione  
Carnaval de San Gavino Monreale  
Carnaval Storico Persicetano (Bologna)  
Carnaval de San Mauro Pascoli  
Carnaval de San Pietro in Casale  
Carnaval de Santa Croce sull'arno (PI)  
Carnaval Storico de Santhià (C)  
Carnaval de Saviano  
Carnaval de Sciacca (AG)  
Carnaval de Tempio Pausania  
Carnaval de Termini Imerese (PA)  
Carnaval Terranovese de Poggio Imperiale (FG)  
Carnaval de Tivoli  
Carnaval de Torino (*Carlevé ë Turin*)  
Carnaval de Trezzo sull'adda (MI)  
Carnaval de Tricarico (Lucania)  
Carnaval de Valderice (TP)  
Carnaval del Veneto - Casale de Scodosia (PD)  
Carnaval de Veneza  
Carnaval de Verona  
Carnaval de Viareggio  
Carnaval de Villa Literno